



MATERNAR E PESQUISAR: A CONSTITUIÇÃO DE UMA MÃE PESQUISADORA EM UM PERCURSO DE PESQUISA

Mothering and researching: the constitution of a mother-researcher in a research trajectory

Wanessa Bruna Santos Brito GOMES

Secretaria Municipal de Educação
Prefeitura Municipal de Florianópolis
Florianópolis, Brasil

wanessa_bruna@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-7726-7008> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Este relato pretende contar a trajetória de uma mãe pesquisadora durante o processo de realização de uma pesquisa de doutorado, vivenciada em concomitância com a maternidade de um bebê. Como estratégia metodológica, recorre-se à rememoração por meio de imagens e registros das falas da criança desde bebê, compondo um percurso narrativo sensível e reflexivo. As análises desenvolvem-se em torno da experiência de constituição de uma maternidade (im)possível, tensionada pelas demandas e atravessamentos do fazer científico. A escrita organiza-se em subdivisões que acompanham, de forma cronológica, esse intenso processo de constituição, tecido em meio a uma trama complexa de relações que articulam o maternar e o pesquisar. Em cada seção, busca-se explicitar as especificidades desse percurso, desde a elaboração do projeto de tese até a entrega da versão final à banca examinadora. As análises evidenciam não apenas os inúmeros desafios implicados na articulação entre maternidade e pesquisa, mas também as potencialidades que emergem dessa experiência, configurando uma narrativa em que vida e a pesquisa se entrelaçam na constituição de uma mãe/pesquisadora.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Pesquisa. Narrativa.

ABSTRACT

This paper aims to narrate the trajectory of a mother/researcher throughout the process of conducting doctoral research, experienced concurrently with the motherhood of an infant. As a methodological strategy, it draws on recollection through images and records of the child's expressions and utterances since infancy, composing a sensitive and reflective narrative path. The analyses are developed around the experience of constituting an (im)possible motherhood, tensioned by the demands and challenges of scientific practice. The writing is organized into subdivisions that chronologically follow this intense process of becoming, woven within a complex web of relationships that articulate mothering and researching. In each section, the specificities of this trajectory are detailed, from the development of the research proposal to the submission of the final thesis to the examination committee. The analyses highlight not only the numerous challenges involved in articulating motherhood and research, but also the potentialities that emerge from this experience, configuring a narrative in which life and research are intertwined in the constitution of a mother/researcher.

KEYWORDS: Motherhood. Research. Narrative.

INTRODUÇÃO

Quando realizei a leitura da chamada do dossiê: “Maternidades (im) possíveis: educar, cuidar e transbordar afetos em devir-infâncias de direitos!” me senti convocada a compartilhar a minha experiência de constituição da maternidade junto à realização de uma pesquisa de doutorado. Essa temática me atravessa de múltiplas formas, e esta chamada ressoou profundamente em minha trajetória, pois, ao longo de todo o percurso da pesquisa, encontrei-me imersa em dilemas que tensionavam educar, cuidar e acolher um bebê, ao mesmo tempo em que me constituía como mãe e pesquisadora. Nesse processo, atravessei inúmeros desafios, tanto da vida quanto da academia, na busca por um maternar (im)possível.

Para rememorar esse processo de constituição, recorri aos registros fotográficos que me ajudaram a organizar minhas reflexões para esse relato. A cada foto que selecionava rememorava o momento do registro, as falas e ações do meu filho vinham à minha mente e me emocionavam. Selecionar quais fotos iriam compor esse relato foi difícil, diante da vasta quantidade de registros produzidos ao longo dos anos de desenvolvimento da pesquisa de doutorado. Ademais, adotou-se o cuidado ético de não expor diretamente o rosto dele, com o intuito de preservar sua identidade.

Para uma melhor organização desta escrita, optei por realizar subdivisões de modo a dar uma organicidade cronológica ao relato e conseguir compartilhar as experiências vivenciadas nesta constituição de uma mãe pesquisadora. Assim, busquei construir uma narrativa que conseguisse compartilhar desde a preparação e seleção do doutorado até a entrega do texto da tese para a banca. Assim todas essas etapas foram afetadas e afetaram o meu maternar, que não se constituiu de modo isolado, mas sim permeado e atravessado de muitas relações.

A PREPARAÇÃO E SELEÇÃO PARA O DOUTORADO

A maternidade e a pesquisa foram sendo constituídas mutuamente em minha vida. Refletir sobre os desafios da maternidade e da pesquisa remete ao quanto há uma ligação de uma com a outra em meu processo de constituição. Realizei a escrita do meu projeto de pesquisa ao mesmo tempo em que gestava meu filho, o que reafirma ainda mais a unicidade entre a vida e a pesquisa. O processo de me constituir mãe e pesquisadora proporcionou transformações e mudanças profundas na minha trajetória pessoal e acadêmica.

Realizar o doutorado sempre foi um grande sonho, porém, ele veio junto a muitos desafios, demandas de leituras, realizações de disciplinas, efetivação de campo, entre tantos outros aspectos que incluem se tornar pesquisadora. A escrita do projeto aconteceu em meio à pandemia de covid-19, um período particularmente desafiador, marcado por incertezas, medos coletivos e pela iminência de riscos à própria vida, vivenciados em escala global. Neste meio de insegurança, descobri a gravidez do meu filho, em um período no qual eu era a única pessoa com salário em minha família, pois sou funcionária pública. Ao revisitar esse momento, retomo o processo seletivo do ano de 2022 (minha terceira tentativa de ingresso no doutorado), como um marco significativo dessa trajetória. Compreendo que, assim como a gestação implica um processo contínuo de constituição como mãe, também fui me constituindo como pesquisadora nesse mesmo movimento. A escrita exigida pelo processo seletivo, realizada em meio às transformações físicas, emocionais e subjetivas da gestação, operou como um espaço de elaboração e fortalecimento. Nesse entrelaçamento entre maternar e pesquisar, fui aprimorando minha escrita, ressignificando minhas experiências e reafirmando o compromisso com o ingresso no doutorado, sustentada por uma força que se constituía simultaneamente em mim com/por ele.

A minha constituição como mãe iniciou-se em meio à pandemia e ao processo de escrita do projeto de seleção do doutorado, essas experiências da vida foram marcando o meu maternar. Quando abriu o processo de seleção para o doutorado, meu projeto estava pronto e meu filho já tinha nascido e assim continuamos um processo de constituição que envolveu muitas alegrias, medos, inseguranças, renúncias, confortos, desconfortos... Realizava ensaios de entrevistas com ele no colo, relia a minha escrita durante as sonecas que ele realizava em meus braços. Recordo-me que no dia da entrevista na seleção do doutorado foi a primeira vez que me afastei por mais de 30 minutos do meu bebê. Senti um forte frio na barriga junto a um misto de sentimentos que me impulsionavam a buscar o melhor, agora não somente para mim, mas para ele também. Acredito que no momento da entrevista não tive dimensão da trajetória e das exigências que aquele passo me levaria e demandaria. Talvez a minha ingenuidade momentânea foi positiva, pois se tivesse refletido sobre as mudanças que estariam por vir, o medo e a insegurança teriam paralisado essa grandiosa decisão. Eu não compreendia os desafios que estavam por vir com a entrada no doutorado e nem com as demandas de um bebê. Quando recebi a notícia da aprovação me senti duplamente realizada, pois era uma das primeiras vitórias nossas juntos. Apesar da grande alegria,

as inúmeras exigências existentes na academia também começaram a pesar e modificar a nossa rotina.

O DOUTORADO INICIADO

O início do doutorado efetivamente foi marcado por uma tomada de consciência que foi aos poucos se estabelecendo junto à constituição do meu maternar. Durante a realização do mestrado, fui uma estudante muito dedicada: vivia o dia inteiro na universidade, realizei estágio docência em três disciplinas junto à minha orientadora, estava sempre disponível e disposta a todas as experiências que a universidade tinha para oferecer. Porém, quando cheguei no doutorado sendo mãe, fui aos poucos percebendo que aquela dedicação que tive durante a pesquisa do mestrado, não seria a mesma no doutorado. Essa falta de tempo para me dedicar aos estudos e ao maternar começou a me preocupar, me sentia em um dilema, no qual sentia uma cobrança interna e social de dar conta de tudo. Junto à tentativa de ser uma boa mãe e uma boa pesquisadora nascia a culpa, me sentia sempre péssima em todas as funções que exercia. Estava na linha educação e infância e me via muitas vezes negligenciando a infância do José Antônio (meu filho), enquanto aprofundava os estudos acerca desta temática. Tinha grande dificuldade de equilibrar o tempo de atenção e de dedicação ao José Antônio e as leituras dos textos das disciplinas. Assim percebia nos estudos e no maternar que não era possível olhar para a infância e para as crianças sem os marcadores sociais como classe social, gênero e pertencimento étnico-racial, pois estão todos interligados.

os diversos estudos sobre a infância coincidem em reconhecer as diferenças e desigualdades nas formas de vivê-la. Recusam uma concepção uniformizada da infância. Reconhecem que as diversas culturas revelam uma variedade de infâncias em vez de um protótipo único. Há coincidências em que falar em infância única é um equívoco. Há infâncias (Javeau, 2005 *apud* Arroyo, 2008, p. 130).

Arroyo (2008), ao confirmar a existência da infância como categoria, mas que existem diferentes modos de viver a infância, existindo infâncias, remete a compreensão da infância como categoria geracional estrutural conforme Qvortrup (2010):

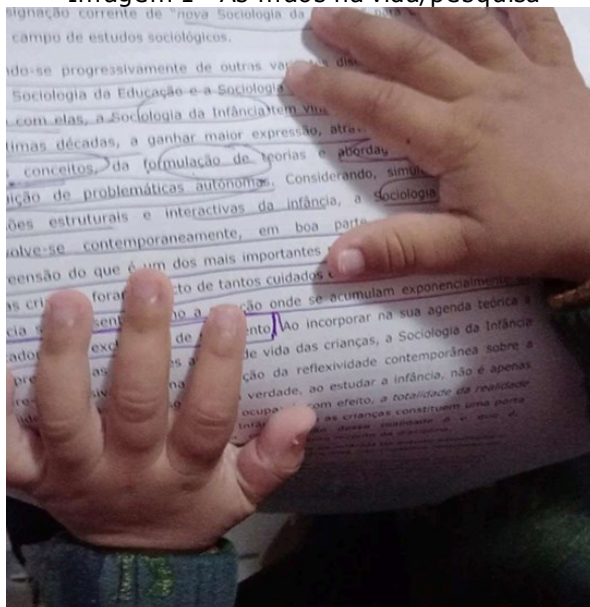
a infância, enquanto espaço social no qual as crianças vivem, transforma-se constantemente, da mesma forma que a idade adulta e a velhice também se modificam. Essas transformações não podem esconder, no entanto, a contínua existência e realidade da infância enquanto categoria estrutural. Em termos estruturais, portanto, ela não é transitória e não é um período; tem permanência. O desenvolvimento histórico da infância não acaba com a sua categoria; e a

variabilidade cultural da infância contemporânea testemunha a favor da sua presença universal (Qvortrup, 2010, p. 637).

O autor destaca o caráter estrutural do conceito de infância, uma estrutura, permanente, mas que também é específica, evidenciando as diferenças culturais dos diferentes modos de se viver a infância na sociedade. Assim a infância do José Antônio foi marcada pela minha trajetória no doutorado junto aos marcadores sociais. As disciplinas também foram me constituindo e trazendo reflexões fundamentais ao meu maternar. Recordo-me que em uma das disciplinas fui compreendendo que José Antônio por ser um menino pardo seria vítima de preconceito e comecei a refletir meu compromisso em fortalecer o seu pertencimento étnico-racial e o quanto era complexo o maternar.

A realização das disciplinas, dos estudos, das leituras nunca foi fácil, comecei a perceber que o meu tempo era diferente dos demais colegas de sala. A imagem 1 revela as mãos do meu filho junto a um dos muitos textos que li com ele no colo. As leituras eram sempre atravessadas pelas suas solicitações, por um mamar, um colo ou um simples chamado. Algumas vezes, me sentia dividida entre as demandas de estudos e as solicitações de um bebê, mas comecei a perceber o quanto era necessário ser inteira nos dois lugares e que era possível coexistir se conseguisse aproveitar e organizar o tempo.

Imagem 1 - As mãos na vida/pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Essas pequenas mãos conheceram grandes autores desde muito cedo, esses dedinhos folheavam todos os meus livros e com o passar do tempo começaram também

a desenhar nas minhas leituras, trazer folhas e flores para marcar as páginas dos livros. Assim ele conheceu a biblioteca central, a setorial, a feirinha da UFSC e todos os espaços que eram possíveis e necessários para a mãe/pesquisadora. Entre essas necessidades urgentes, um dia quando ele já estava maior, recordo-me que no caminho da biblioteca para pegar um livro que eu precisava para uma disciplina, ele me olhou e falou: “[...] um dia eu vou ler todos esses livros também né, mamãe? Pra ficar bem inteligente como você!”. Nunca mais esqueci essa admiração e nesse momento meus olhos se encheram de lágrimas e o abracei, sem conseguir expressar em palavras o que aquele pequeno olhar transmitia. Essa admiração crescia junto com ele, e aos poucos ele foi conhecendo e se inteirando do universo da academia. Na imagem 2 é possível perceber, ele guardando seus pertences antes da entrada na Biblioteca central. Ele admirava cada pequeno detalhe, se esticava para alcançar e perceber desde o buraquinho da chave, o chaveiro de cartão e corrente, os detalhes das listras que tinha em cada livro, até a grandiosidade do tamanho do prédio.

Imagem 2 - Descobertas na Biblioteca universitária



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os dias de visita na Universidade eram sempre uma alegria para o meu filho, ele descobria as belezas, as feiras, a livraria, as flores, as bibliotecas, ele vivia todas as experiências desse espaço. Observar ele caminhar, experimentar e explorar aquele espaço enchia o meu coração de alegria, pois foi a Universidade em que trilhei toda a minha trajetória acadêmica desde a graduação. O campus da Universidade se tornou nosso lar, ele se sentia seguro e se aventurava em todos os espaços, fez amizade com artesãos da feira, frequentou algumas aulas e investigou cada cantinho que despertou

seu interesse, como na imagem 3 em que é possível perceber seu envolvimento na Semana de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação (Sepex) e nas descobertas das árvores e formigas ao caminhar pelo Campus.

Imagem 3 - Descobertas no Campus



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Essas duas imagens são muito grandiosas para mim, pois expressam o quanto ele nasceu pesquisador e sem receio de buscar por seus interesses, algo que ainda luto e busco aprender nos dias de hoje. Em alguns momentos me pego pensando o quanto aprendo com ele sobre a vida/pesquisa, desde a sua entrega por inteiro para as experiências, bem como com a sua busca incansável por respostas.

As disciplinas do Doutorado aconteciam em sua maioria pela manhã, e me recordo de uma em especial que iniciava pontualmente às 8:00hrs, esse horário para uma mãe que amamentava praticamente a noite e a madrugada inteira era quase impossível de chegar. Recordo de chegar nessa disciplina muitas vezes sem ao menos ter dormido uma hora seguida, pois meu filho acordava a cada 30 minutos para mamar e seguiu assim até quase dois anos, quando começou a dormir 3 horas seguidas, sem ainda possibilitar uma noite inteira de sono. Muitas vezes, permanecia acordada durante a madrugada pelas leituras das disciplinas e em outras pelos despertares de um bebê. Em muitos momentos pensei em desistir, abandonar, trancar o doutorado, mas também encontrei apoio entre colegas, no coletivo de mães e, principalmente, naqueles pequenos olhinhos que me mantinham acordada durante a noite, os quais, mesmo sem falar uma palavra, me davam forças para seguir. A densidade das leituras e as exigências das disciplinas me levavam a ler o mesmo texto mais de uma vez, pois não

sabia distinguir se era o cansaço das madrugadas ou a minha inexperiência com as temáticas. Eu nunca conseguia ler um texto inteiro sem interrupções, a leitura era picada, atravessada por inúmeras solicitações. Assim eu e o meu bebê vivenciamos esse primeiro ano do doutorado com muitos despertares, despertares da vida, das mamadas, dos aconchegos, dos colos, das leituras, das descobertas, dos trabalhos, das releituras, das infinitas demandas da vida/pesquisa. Essa unicidade existente entre a vida e a pesquisa se dá, justamente, pelo fato de que não é possível dissociar os elementos que nos constituem quando realizamos uma pesquisa. Nesta direção, André (2001) em seus escritos nos apresenta muitos elementos para pensar o rigor e a qualidade na pesquisa em educação e nos faz refletir, profundamente, sobre os critérios de avaliação da pesquisa, sem desconsiderar elementos fundamentais, como as condições dos pesquisadores na produção do conhecimento. Assim Gatti (2012) também traz um importante destaque para o olhar do pesquisador na efetivação da pesquisa:

A densidade está associada aos modos de conceber os problemas investigativos, aos modos de observar, coletar, registrar dados, que permitem criar novas explicações, compreensões, inferências fundadas. Também depende do domínio do campo pelo investigador e de suas experiências na vida de pesquisa, dos seus interlocutores e interlocuções, de sua criatividade embasada em bons argumentos, com o suporte de fatos (Gatti, 2012, p. 27).

Gatti (2012) apresenta o quanto a densidade da pesquisa está diretamente ligada aos modos que o pesquisador realiza a pesquisa, desde a geração dos dados até as análises. Assim as subjetividades, os olhares, o pesquisador por inteiro afetam os caminhos da pesquisa.

A VIDA/PESQUISA NO CAMPO

Durante o doutorado realizei um estudo de caso etnográfico com observação participante, a instituição selecionada para a pesquisa era localizada do outro lado da ponte, atravessar a ponte até o campo foi um dos maiores desafios. Essa travessia foi muito significativa e marcou a minha trajetória como mãe e pesquisadora. Efetivando assim uma transformação conjunta, em que, ao mesmo tempo que aprendia e me constituía como pesquisadora, também me constituía como mãe. Nesta direção compreendi que não era possível separar uma da outra, pois a pesquisa faz parte da vida e se constituir com ela em uma artesanaria de relações e composições, bem como a maternidade.

A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2023, após a conclusão da maior parte das disciplinas do doutorado. Esse período configurou-se como um dos mais desafiadores do processo investigativo, uma vez que demandou a realização de um ano completo de observação participante em uma instituição de educação infantil localizada a uma distância significativa de minha residência. Para chegar ao campo no primeiro horário da manhã era necessário sair muito cedo de casa, e ao retornar para casa o trânsito era muito intenso, o que demorava muito mais que o habitual. Recordo que quando efetivava a observação no período da manhã, deixava o meu filho ainda dormindo, ou às vezes fazendo o seu lanche da manhã, as despedidas eram sempre somadas a choros e tristezas. Eu sempre contava muitas histórias que aconteciam no meu campo de pesquisa e ele ficava feliz em ouvir, assim me deixava ir ainda com lágrimas nos olhos. A sensação de falta de “enquadramento” advinha justamente por precisar de um grande esforço para a realização das leituras, somados ao rigor da escrita e dos registros do campo, intensificados pela exaustão materna de tentar conciliar a vida/pesquisa na criação de um bebê, a organização da casa, entre tantas outras demandas. Apesar dos desafios, encontrava apoio naqueles pequenos olhinhos que me davam forças para continuar seguindo e fazendo o meu melhor, por ele e com ele.

O campo e as negociações de dias e entradas foram sendo tecidas ao longo da pesquisa, as profissionais do grupo observado eram muito acolhedoras e compreendiam os imprevistos que foram acontecendo durante o percurso. Recordo-me que em uma das semanas meu filho precisou realizar uma cirurgia, e precisei alterar os dias de entrada no campo, as profissionais compreenderam e me ajudaram a realizar novos ajustes, ainda se preocuparam e no dia da cirurgia me mandaram mensagens de boas energias para a efetivação.

O modo como as relações foram tecidas no campo foi um grande diferencial para a minha constituição pessoal e profissional, cresci e aprendi muito no campo. Reconhecia que as relações com as participantes da pesquisa precisavam ser éticas, respeitadas e que estas iriam definir a minha geração de dados. Deste modo, busquei, a todo momento, construir uma relação mais horizontalizada nesse processo, compartilhando os registros do campo com as profissionais e também encontros para dialogar sobre os mesmos. Esses encontros foram realizados de modo remoto e se tornaram espaços de acolhimento, trocas e ampliação dos registros e experiências vivenciadas em campo. Assim o compartilhamento dos registros com as participantes

possibilitou ampliar e complexificar as camadas de compreensão, interpretação e olhares efetivando um “ver colaborativo” (Luttrell, 2021).

O processo investigativo da pesquisa me constituiu muito além de pesquisadora, pois em um cotidiano de mudanças de entrada de campo, relações com as participantes, travessias da ponte, entre outras experiências inerentes a esse processo, me constituía também como mãe. Inicialmente neguei esse campo, pelas dificuldades que via em pesquisar em uma instituição educativa tão distante da minha residência, mas a minha orientadora sabiamente conduziu esse processo. O campo alterou meu olhar para a vida/pesquisa, me constituiu e transformou esse processo que parecia longo e pesado pela distância se tornou leveza e acolhimento na tecitura das relações.

A VIDA/PESQUISA NA ESCRITA

O processo de escrita é um processo intenso e exige muito da pesquisadora, exige rigor e ajustes atrelados a inúmeras releituras. Assim, a escrita demanda também dedicação e tempo, o tempo é algo muito valioso para todas as pessoas e o tempo que dedicamos às relações é fundamental. A vida/pesquisa nos exige tempo de qualidade, mas esse tempo é permeado por tantas demandas que, muitas vezes, me via perdida sem saber equilibrar essa relação. Nas inúmeras vezes que realizei a leitura dos livros de Freire (2022), percebi o quanto as relações destacadas faziam sentido não somente para a relação educador-educandos, mas para as relações da vida/pesquisa. Freire (2022, p. 79) destaca que as relações entre educador-educandos “[...] apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras”.

Essa afirmação de Freire (2022) remete ao quanto estamos, a todo momento, narrando e dissertando ao tecer relações com os outros na vida/pesquisa. A minha narrativa não era solitária, era composta pelas vozes que me constituíam das diferentes relações que estabelecia. Nesta direção, Benjamin (1985) afirma que “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1985, p. 201). O autor demarca que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, diferente da informação, e que é necessário saber narrar:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do

narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 1985, p. 205).

Benjamin (1985) destaca que a artesanaria da narrativa não está em transmitir uma informação ou relatório, mas sim de se constituir como a marca do narrador, comparando a argila na mão do oleiro. Nessa nossa narrativa da vida/pesquisa bebê também narra pois se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso, e José Antônio imprimia em mim um modo singular de ver, ler e narrar. Essa narrativa conjunta foi realizada com muitos contornos desenhados pelas experiências vivenciadas como mãe, pesquisadora, amiga, filha, entre tantos outros papéis que nos constituem.

O processo de escrita na vida/pesquisa foi muitas vezes dolorido pois precisei estar distante do meu filho, foi necessário me trancar no escritório e passar noites em claro para tecer o “quebra-cabeça” das análises na escrita da tese. Meu filho sempre teve muita dificuldade para adormecer, tinha vários despertares de madrugada. Na nossa organização familiar, eu que realizava a rotina da noite junto com ele. Porém, quando chegou o momento da escrita das análises junto ao prazo de entrega e revisão da escrita, precisei abrir mão dessa rotina e virar algumas muitas noites estudando. Em algumas noites, antes de dormir, meu filho me perguntava: “Mamãe, você não vai dormir nunca mais?” e me dava um abraço apertado apresentando no olhar uma preocupação. A cada abraço de boa noite, eu buscava narrar junto com ele essa experiência, explicando o motivo da realização do meu trabalho. Ele entendia, ao seu modo, e durante algumas noites me entregava alguns dos seus bichinhos preferidos para me ajudar na escrita dizendo: “Olha, mamãe, pra ajudar no seu trabalho!”. Contar com a contribuição de uma equipe de animais fantásticos selecionados pelo meu filho (Imagem 4) era algo grandioso, que mesmo diante de tantas leituras e desafios da análise, me davam forças para continuar.

Imagem 4 - Os animais fantásticos



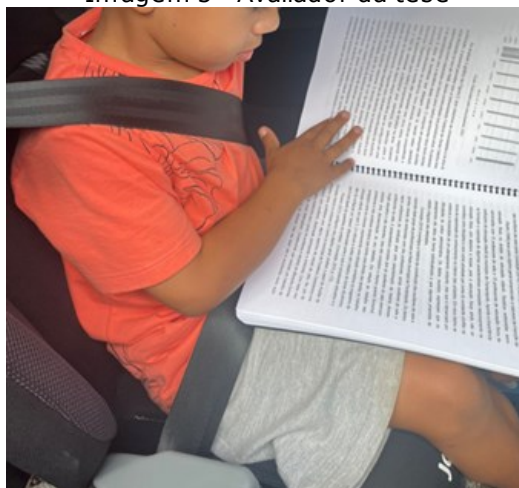
Fonte: Elaborada pela autora (2026).

A cada nova noite o meu acervo de animais fantásticos era diversificado e marcado por um misto de sentimentos, meus e dele também. Talvez a escrita seja o mais doloroso do processo, mas nos ensina a esperar, a mediar e a fazer escolhas. Foi nesse entrelaçamento que precisei construir acordos e negociar tempos: em alguns momentos, cedi ao uso de telas diante da ausência de apoio; em outros, articulei a rede de apoio possível e desloquei o trabalho para a madrugada, buscando garantir a presença junto a ele nos finais de semana.

Mas nem sempre o plano seguia conforme o planejado. Meu filho teve algumas complicações respiratórias, o que levou a ter mais sensibilidades com alguns simples resfriados. Então, muitas vezes, ficava doente e impossibilitado de frequentar a creche, eu precisava largar tudo e estar com ele. Quando isso acontecia, faltavam horas nos meus dias para dar conta de todas as demandas. Mas eu replanejava a rota e seguia priorizando resolver as demandas urgentes e estar com ele... Em alguns momentos cheguei a pensar que a maternidade prejudicou o meu envolvimento com a pesquisa, mas não é verdade, ela intensificou o meu olhar e compromisso com as crianças.

Quando finalizei a escrita do texto da tese para a banca, logo imprimi uma cópia e entreguei nas mãos do meu pequeno, ele me olhou e sorriu falando: "Acabou o trabalho, mamãe? Deixa eu ver, está tudo certo!" Nesse momento não consegui conter a emoção e o abracei com muita força e agradei, ele entendeu e retribuiu o abraço com muita alegria. A imagem 5 revela o meu primeiro avaliador da tese.

Imagem 5 - Avaliador da tese



Fonte: Elaborada pela autora (2026).

O meu bebê cresceu e acompanhou todo o processo da pesquisa, desde a escrita do projeto quando ele ainda estava na barriga, até a finalização do texto. Acompanhou e vivenciou as experiências ao seu modo, se preocupando com as minhas demandas,

questionando os dias distantes e buscando fazer elaborações para compreender o que para ele não fazia sentido. Em um dos dias em que compartilhei com ele a minha angústia e narrei um sonho triste com a devolutiva da orientadora, ele me olhou e ficou preocupado falando: “Isso não foi um sonho, foi um pesadelo né, mamãe!” Rimos muito juntos e conversamos sobre esses sentimentos. Em outro momento compartilhei com ele sobre a devolutiva da orientadora e que eu teria muitas coisas para refazer e que precisaria ficar trancada, ele me olhou assustado e disse: “Mamãe, onde você vai ficar presa?” Expliquei com muita atenção sobre esse momento e ele buscou me ajudar fazendo desenhos, levando florezinhas e gravetos. Ele também sentia interesse em saber quem era a minha professora, um dia me pediu para olhar a foto dela no meu celular, ele olhou e falou: “Ela é bonita né?” Conversamos sobre nossas relações com as nossas professoras.

O tempo de vida/pesquisa é curto, mas quando estamos compromissados em viver esse tempo e respeitá-lo, conseguimos marcar nossas vidas nele, como nos indica Munduruku (2007, p. 27) “[...] viva o tempo, não viva as horas. Só há um tempo: o agora. Tempo de chegar, tempo de ir embora. Quem vive seu tempo, faz história”. Foram muitos aprendizados que esse percurso me ensinou, um deles percebi na correria do dia a dia, em que meu filho, com quatro anos, me olhava com uma calculadora velha nas mãos, abaixou os olhos e teclou vários números como se estivesse somando algo, depois me olhou e falou: “[...] pronto, mamãe, não precisa correr, agora vai dar tempo, eu já coloquei mais tempo pra gente aqui”. Que na trajetória vida/pesquisa possamos ter sensibilidade de valorizar as falas das crianças e refletir sobre o tempo que dedicamos às relações estabelecidas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 51-64, jul. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000200003>

ARROYO, Miguel González. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 119-140.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v. 1).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GATTI, Bernadete. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 28, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/36066>. Acesso em: 15/01/2026.

LUTTRELL, Wendy. Olhar cuidadoso: uma pesquisa visual com crianças. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 41, n. 113, p. 44-55, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/CC231883_PT.

MUNDURUKU, Daniel. **O homem que roubava horas**. São Paulo: Brinque-Book, 2007.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-644, maio/ago. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014>

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

MATERNAR E PESQUISAR: A CONSTITUIÇÃO DE UMA MÃE PESQUISADORA EM UM PERCURSO DE PESQUISA

Mothering and researching: the constitution of a mother-researcher in a research trajectory

Wanessa Bruna Santos Brito Gomes

Doutorado em Educação
Prefeitura Municipal de Florianópolis
Secretaria Municipal de Educação
Florianópolis, Brasil
wanessa_bruna@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0001-7726-7008>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Manoel Rosa dos Santos, número 197, Cep:88037-430, Florianópolis, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao José Antônio, que me deu forças para realizar este sonho antes mesmo de nascer. Também agradeço, de coração, à minha orientadora, que incentivou esta escrita e me ofereceu suporte e acolhimento durante todo o processo de pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: W.B.S.B. Gomes.

Coleta de dados: W.B.S.B. Gomes.

Análise de dados: W.B.S.B. Gomes.

Discussão dos resultados: W.B.S.B. Gomes.

Revisão e aprovação: W.B.S.B. Gomes.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Obtivemos o consentimento oral do participante e as imagens foram cuidadosamente selecionadas, permitindo que transmitam as relações vividas sem expor a criança.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 13-04-2026 – Aprovado em: 05-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026